

PÓS-ESTRUTURALISMO E CONSTRUÇÃO DO SUJEITO: A ESTÉTICA ADOLESCENTE DA GERAÇÃO Z NO TIK TOK

Helena Gabrielle Souza Ribeiro¹

RESUMO: O presente artigo discute sobre o pós-estruturalismo e a construção do sujeito no rompimento de limites no desenvolvimento do eu na adolescência. O aplicativo Tik Tok, enquanto plataforma aclamada pela Geração Z sustenta um número incontável de publicações de vídeos curtos que demonstram a juventude compartilhando a estética da sua existência. Este estudo busca investigar de que maneira o pós-estruturalismo e a construção do sujeito impactam nas modas, na aparência e no comportamento da Geração Z no Tik Tok. A fundamentação teórica se baseia na concepção pós-estruturalista de James Williams (2012) sob a luz de Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Michel Foucault enquanto pensadores expressivos deste movimento filosófico. Propõe ainda, um olhar sobre os Tipos de Aesthetics debruçado nas considerações de Antony e Zanella (2016) na construção do ser adolescente, enquanto Parret (1997) colabora nas reflexões sobre a estética como forma de expressão e comunicação.

Palavras-chave: Pós-estruturalismo. Adolescência. Aesthetic. Tik Tok. Geração Z.

1. Introdução

O pós-estruturalismo atende a um campo temático amplo – o que o faz dialogar muito bem com estudos interdisciplinares, além de propor observações diversas sobre o comportamento humano. Enquanto movimento filosófico difundido na década de 1960, a base estruturalista, ao encontrar ideias sobre limites do conhecimento, se coloca aberta a mudanças rompendo com a estabilidade e ultrapassando fronteiras. Diante disso, na tentativa de destravar o pensamento que insiste em seguir em limites que foram previamente definidos na postura social é pertinente que se possa indagar sobre como seria a dinâmica da vida em comunidade se as verdades estabelecidas fossem outras.

Apesar de haver uma quantidade significativa de trabalhos sobre a construção do sujeito, é interessante manter o frescor das reflexões sobre a subjetividade na adolescência diante da revolução digital e comportamental em consequência das redes sociais. O aplicativo Tik Tok revela-se como um marco interativo para os adolescentes

¹ Doutoranda em Cultura e Sociedade; Universidade Federal da Bahia. helenagabriellestr@gmail.com

durante a pandemia da Covid-19, o que indica a relevância em acender perguntas que pontuem hábitos e costumes dos jovens que ao permanecerem em isolamento social, encontraram na internet um modo para expressar sua juventude que de alguma forma esteve enclausurada nas interações das aulas remotas e no convívio virtual. Diante disso, procura-se investigar a estética adolescente da Geração Z no *Tik Tok*, a partir da moda, do estilo, da aparência e do comportamento online na puberdade.

A motivação para esta temática é resultado da experiência de dezesseis anos em sala de aula como Professora de Redação para adolescentes entre 11 e 17 anos. Assim, no convívio de perto com a juventude em um mundo que tem se tornado urgente e acelerado em tantos níveis manifesta-se um entendimento de que as redes sociais interferem de maneira direta na conduta do ser humano – especialmente numa fase de tantas mudanças no corpo, nas relações familiares, nos modos de ser e pensar. Não há nada mais adequado para o movimento filosófico pós-estruturalista, senão, alimentar debates, propor diferentes pontos de vista, além de renovar constantemente a visão sobre o papel do limite no âmago - no cerne das questões. O movimento pós-estruturalista vem a contribuir nos caminhos e processos neste artigo na sua tarefa de trabalhar contra verdades e estruturas estabelecidas; colaborando para questionar o que o limite limita; observando as críticas sem ignorá-las e entendendo que a verdade é uma questão de consistência.

Esse recorte visa responder a seguinte questão: de que maneira o pós-estruturalismo e a construção do sujeito impactam na estética adolescente da Geração Z no *Tik Tok*? Com isso, pretende-se investigar as possibilidades estéticas das modas dos adolescentes com um olhar técnico, curioso e criativo – convocando para a discussão uma diversidade de autores que ajudam a enriquecer o estudo. Nesse sentido, a revisão de literatura é o suporte metodológico empregado para embasar a análise que tem como sustentação teórica o Pós-estruturalismo, na visão de James Williams (2012) que traz, no livro intitulado *Pós-estruturalismo*, uma contemplação contundente de filósofos pós-estruturalistas como Jacques Derrida, Gilles Deleuze e Michel Foucault que atuarão como norteadores nos mecanismos de construção do “eu” no sujeito. O estudo conta ainda com ponderações sobre o sujeito adolescente na visão de Rosana Zanella e Sheila Antony (2016). Em razão da complexidade dos conceitos e caminhos reflexivos deste

estudo é imprescindível a inserção de outros autores que serão citados de maneira pontual a fim de tornar este texto mais fluido e profícuo na provocação de novos debates – tanto para quem o lê, como para quem o escreve.

Este artigo estrutura-se da seguinte forma: A “Introdução”, elaborada com uma breve contextualização, o objeto de estudo, a proposta, a justificativa, a questão, a metodologia da pesquisa. A seção principal, de número 2, “A construção do sujeito no pós-estruturalismo de Derrida, Deleuze, Foucault, Antony e Zanella”, apresenta uma reflexão sobre o pensamento pós-estruturalista, que ao romper com a ideia de limite, dialoga com o estado de espírito dos jovens na adolescência. Na terceira seção, “A estética adolescente da Geração Z no Tik Tok”, constrói-se uma percepção sobre a popularização de *aesthetics* de moda fortalecidas pelas referências de décadas passadas a partir das contribuições de Hegel (2001) e Parret (1997). Por fim, as “Considerações Finais”, onde se abordam as perspectivas sobre o pós-estruturalismo aliado à adolescência que usufrui da plataforma *Tik Tok* como um local para exercitar a sua existência disruptiva no online e off-line.

2. A construção do sujeito no pós-estruturalismo de Derrida, Deleuze, Foucault, Zanella e Antony

A existência humana e as subjetividades que fazem parte da ação de viver são curiosas questões que atravessam séculos e são acometidas por diferentes leituras. Por mais que haja teóricos competentes para se debruçarem sobre seus dilemas, suas complexidades se mostram inesgotáveis.

Ao introduzir definições conceituais sobre o pós-estruturalismo, James Williams (2012) chama a atenção para o fato de que o que está em pauta é a nossa própria consciência e a sua relação com os contextos que vivemos. Assim, fica entendido que pensadores pós-estruturalistas não podem considerar em seus trabalhos interpretações deterministas porque a ideia de limitação se afasta a passos largos do pensamento moderno. Nesse viés, Williams ressalta que (2012, p. 44) “O *humano* é uma rede de múltiplas variações e evoluções. O papel do pensamento é conduzir e responder a essas evoluções, tanto quanto mapear os estados mais fixos em que elas têm lugar”. É nesse

ponto que diferentes noções sobre a composição do sujeito se encontram para revelar as plurissignificações na construção do eu.

No capítulo *O Pós-estruturalismo como Desconstrução – Gramatologia de Jacques Derrida*, Williams (2012) trabalha com a ideia de que na existência, a desconstrução nos conduz ao entendimento de que qualquer rastro no presente está conectado ao passado e ao futuro, logo, não existem conjunturas independentes nas experiências do sujeito. Nesse viés, fica entendido que o pós-estruturalismo é o exercício da desconstrução – que não deixa de ser uma forma de estruturalismo – mas o é, em uma versão mais aberta, transformada e versátil.

A Gramatologia de Derrida propõe que ao longo da tradição filosófica a linguagem falada obteve mais valorização do que a linguagem escrita. Essa discussão, do ponto de vista da construção do sujeito e sua racionalidade, está atrelada à palavra, ao discurso, à fala – mas Derrida acende uma luz para a relevância da ciência da escrita. Como forma de linguagem, a escrita é também capaz de atuar na formação da subjetividade por demonstrar uma variedade de interpretações e deduções – o que demonstra, por exemplo, que na argumentação através da escritura, existem possibilidades diferentes e susceptíveis à maleabilidade.

Seguindo uma linha de análise acerca do pós-estruturalismo na ótica de filósofos selecionados para esta seção, no capítulo *O Pós-estruturalismo como filosofia da diferença – Diferença e Repetição*, de Gilles Deleuze, Williams (2012) chama a atenção para o destaque que Deleuze reserva para o papel criativo do pensamento com signos que determinam as ideias e que abrem espaço para novidades na formação no sujeito. Nesse sentido, segue afirmando inclusive, que a estrutura é definida como condição necessária para que haja transformação - tanto individuais, quanto coletivas. Um desafio para a noção de sujeito, segundo Deleuze, é a ausência de controle e sua relação com problemas ideais.

Na leitura de Williams (2012, p. 90) “Deleuze fala em contestar a identidade do sujeito, e não em tê-lo suprimido”. Isso porque para o filósofo francês, o pensar estruturalismo não elimina o sujeito – o que ocorre é a abertura para uma contestação da sua identidade. A consequência disso será, possivelmente, um sujeito nômade, repleto de individuações ou singularidades. Fica compreendido que as especificidades que são próprias da natureza humana fazem de cada um de “nós” um indivíduo, que por sua vez,

é uma espécie de todo do mundo em uma perspectiva singular, única. Nessa noção de espécie de todo do mundo, é que Deleuze acredita no simulacro visto que observa, nas identidades, uma simulação com repetições originadas em outras repetições e a diferença, representa outras diferenças.

Seguindo a trilha reflexiva sobre a construção do sujeito, Williams (2012) convoca mais um filósofo para o seu trabalho. No capítulo, *Pós-estruturalismo, história e genealogia – A arqueologia do saber, de Michel Foucault*, pode-se perceber que em sua obra, Foucault propõe ideias sobre o que é um indivíduo, além de refletir sobre liberdade e poder em uma abordagem crítica sobre o sujeito livre; o livre-arbítrio e o poder desassociado dos atores livres, mas associado às ideias de estruturas, linguagem e tempo – como introduz Williams (2012) para elaborar uma reflexão sobre o autor de *A hermenêutica do sujeito* (2006). Em suas tratativas, Foucault não acredita que sujeitos humanos possam ser livres, justamente porque na interpretação da história, somos condicionados. Este pensamento abre espaço para que se perceba que as estruturas detêm poderes, e são essas estruturas que atuam fortemente na determinação de identidades, atos e valores. Fazendo um alerta, seguindo as observações de Foucault, Williams (2012, p. 136) declara que “diante de uma página em branco nós não somos completamente livres para depositar nossas ideias”.

A reflexão segue pautada na arqueologia do saber de Foucault, atentando que um rosto – identidade – nada mais é do que uma criação da história e parcela da influência que possui sobre nós. Assim, o poder se mostra capaz de operar por meio de nossos “rostos” e termina por fixar padrões sobre os quais podemos nos mover. No inventário pós-estruturalista de Foucault observa-se um empenho em desatar e provocar a malha estrutural do poder – o que resvala na subjetividade e na condição humana em relacionar-se consigo mesmo – abrindo uma brecha para se pensar no modo de viver, na experimentação com as diferenças e em uma estética da existência.

Na visão de ANTONY e ZANELLA (2016), por ser uma fase de contato direto com a independência e as consequências do desejo de liberdade, a adolescência empenha-se em manter uma ruptura de dependência e controle dos pais. O desenvolvimento biológico e psicológico do corpo, assinalam uma “(...) crescente expansão da consciência, que lhe possibilita pensar a si mesmo e ao mundo humano-físico-social com indagações mais profundas e abstratas” (ANTONY;ZANELLA, 2016,

p. 84). Deste modo, cada geração terá uma adolescência contextualizada com a sociedade vigente de sua época onde, portanto, o cenário político, econômico, cultural e tecnológico afeta de maneira direta as aspirações e intentos dos jovens na construção do eu, além da busca por romper com verdades estabelecidas.

O sujeito adolescente pode apresentar posturas e atitudes inesperadas porque faz parte da sua natureza comportamental extrapolar sem ponderar os danos ou complicações provenientes das suas ações. O pós-estruturalismo dialoga com a adolescência, pois um aspecto decisivo deste movimento filosófico é a sua resistência diante de condições e convenções impostas. No cotidiano e nos desafios existenciais dos adolescentes, regras e tradições mostram-se questionáveis, duvidosas, castradoras. Esta conjuntura abre precedentes para um mundo que “se amplia ainda mais com a formação de grupos e com os amigos virtuais que o adolescente passa a conhecer nas redes sociais” (ANTONY; ZANELLA, 2016, p. 84).

Se a meta do pós-estruturalismo é não conceber respostas definitivas diante da fluidez da vida, uma das formas de expressão mais exploradas pelos adolescentes irá residir na sua aparência, uma vez que o corpo é instrumento subjetivo da sua relação com o mundo e com o outro. Pensar a estética da existência da Geração Z demanda uma percepção aguçada, onde para Hegel (2001, p. 27) “estética designa mais precisamente a ciência do sentido, da sensação [Empfindem]”. Ávidos por se sentirem inclusos, pertencentes a grupos, aceitos pelos seus pares e tementes por qualquer tipo de rejeição – a legitimação estética na adolescência compartilhada no aplicativo *Tik Tok* – coloca roupas, preferências, referências e comportamento como uma espécie de estandarte visual da sua autoimagem – sobretudo entre o público feminino. O propósito de exercitar o estilo e a estética ao qual pretende estar associado pode mudar com frequência para potencializar sentimentos e ideias que defendem, independentemente da sua efemeridade.

3. A estética adolescente da Geração Z no Tik Tok

Desde que passaram a fazer parte da rotina das pessoas e reconfiguraram o modo de se relacionar dos indivíduos, as redes sociais inauguraram no ambiente digital,

experiências que naturalmente fazem parte da humanidade: o desejo por interação; o processo de identificação e o desenvolvimento da subjetivação.

No momento em que a pandemia causada pela Covid-19 impactou o mundo e obrigou a sociedade a desacelerar, ficar em casa, para aqueles que puderam, foi decisivo para o sucesso e adesão ao aplicativo *Tik Tok*. Focado em vídeos curtos com conteúdos virais de danças, desafios e dublagens de humor - a plataforma lançada em 2016 passou a ser aclamada pela Geração Z (nascidos por volta de 2001 – 2010)².

Ser da Gen Z, em linhas gerais, significa manter uma postura multitarefas sem muito esforço, permitir-se mudar de opinião o tempo todo e demonstrar declarada afeição por dinâmicas inovadoras em diferentes esferas da vida. O contato com o universo digital - que é uma realidade para esta geração desde os primeiros meses de vida - colabora para que estes nativos da internet tenham uma percepção do tempo diferente das gerações anteriores. O imediatismo é palavra-chave no *modus operandi* da adolescência que teve sua vida impactada pelo isolamento em decorrência da pandemia de Covid em 2020.

Embora “adolescência” seja um termo relativamente contemporâneo já há facilidade para constatar que nesta fase, encontrar-se e perder-se com frequência na tentativa de conhecer a si mesmo faz parte da rotina. Para Alberti (2009, p. 31) “a questão central da adolescência é justamente a da identidade sexual (...)”, afinal, limitar o fim da infância para caminhar rumo à idade adulta culmina na exploração do corpo e consequentemente na construção estética da autoimagem. Sob a luz das reflexões cartesianas, assim como pensar, vestir é uma maneira de existir em sociedade.

Quando compartilham no *Tik Tok* o modo como se vestem, adolescentes reafirmam a própria presença que vai além de roupas e acessórios. A construção da subjetividade do eu no online, perpassa por um anseio de individualização da imagem pessoal, embora não seja possível escapar da ideia de tribo – já que grupos se identificam com um mesmo estilo, termo que “viria a ser uma certa identidade visual fundamentada em valores estéticos (...) combinação de formas, volumes, cores, padrões,

² SIQUEIRA ROSICLEY NICOLAO, Métodos de ensino adequados para o ensino da geração Z, uma visão dos discentes. Artigo curso de especialização em administração da universidade federal de Mato Grosso.

e, obviamente, de elementos decorativos de uma determinada época, cultura ou mesmo individualmente” (BRAGA, 2009, p. 15).

Aesthetic é um termo da língua inglesa que passou a ser constantemente utilizado pela Geração Z no *Tik Tok*. A popularização da palavra “Estética” relaciona-se com “aquilo que é reconhecido sem conceitos como sendo o objeto de uma satisfação necessária” (PARRET, 1997, p. 196). Adolescentes constroem na sua aparência uma harmonia imagética e sensorial atraentes - inspirados por tendências de moda com inúmeras versões interpretativas, de forma que a todo momento, pode haver adição de novos elementos, bem como fazer surgir uma nova *aesthetic* a partir de uma já consolidada. É o que acontece com a estética Híppie do final da década de 1960 para o início de 1970 nos Estados Unidos. Arrebatados pelo desejo de liberdade, paz e amor, a indumentária dialogava com o estilo de vida aspirado na época, opondo-se aos valores conservadores e estruturas estabelecidas fazendo valer um ideal político e de contracultura expresso nas suas vestes. Cores vibrantes, estampas psicodélicas, étnicas, florais, peças artesanais, mix de padronagens de tecidos nas produções que por mais despretensiosas que parecessem, transpiravam um frescor intrigante para alguns e atraente para outros.

Inspirados pelos boêmios da década de 1920, a *aesthetic* Boho ou Bohemian se fortaleceu na Europa, unindo moda e arte – utilizando a roupa como um fator representativo de um estado de espírito. O desejo de liberdade nesta estética fica relacionado a um estilo de vida mais despreocupado, pouco convencional, subjetivo, abstrato, sentimental, seguindo os próprios instintos como forma de ser e se comportar. Tanto o Híppie, quanto o Boho são frequentemente comparados em termos de visual final porque, de fato, conversam na apresentação, flertando com os ideais pós-estruturalistas que refutam limites impostos. Entendendo que para o adolescente “(...) o corpo que tem fala da pessoa que pensa ser” (ANTONY; ZANELLA, 2016, p. 89), seguir uma estética que reverbere não apenas na sua aparência, mas também no seu discurso, ajuda a emoldurar a sua existência e aceitação no grupo que pretende fazer parte. Assim, é natural que haja identificação da juventude de qualquer geração com *aesthetics* de décadas passadas – simplesmente por caberem nos seus propósitos contemporâneos.

As vertentes *aesthetics* possuem diversas definições, fragmentadas em releituras de tendências que fizeram parte de adolescências do passado, porém remodeladas em interpretações modernas. Ao digitar a expressão “Tipos de Aesthetics” no ícone “Descobrir” no *Tik Tok*, na opção “Hashtag”, mais de 810 mil postagens³ aparecem na tela do smartphone – onde adolescentes, em sua maioria meninas, estão aparecendo em tutoriais que explicam, especialmente por meio de imagens, quais itens e referências de moda devem ser usados de maneira combinada para chegar ao resultado de uma *aesthetic* desejada. Como exemplos de *aesthetics* populares entre os adolescentes Gen Z, aparecem:

- a) Y2k: livremente inspirada na primeira década dos anos 2000 (sendo uma abreviação de “Year 2000”), a estética traz uma releitura de inspirações futuristas, calças de cintura baixa, óculos com lentes coloridas, vestidos justos e curtos, micro saias, acessórios com strass, maquiagens cintilantes, bonés e chapéus bucket hat⁴;
- b) E-girl: também chamadas de Eletronic-Girls seguem uma estética concentrada em referências góticas, emo, gamer – mantendo certa delicadeza, apesar das roupas e acessórios em tons escuros. Estampas como xadrez e listras são frequentes, bem como o uso de correntes, cabelos coloridos e maquiagem com delineado de gatinho;
- c) Cottagecore: com um espírito *fugere urbem*⁵, o cottagecore se concentra em um estilo bucólico. O contato com a natureza traduz uma estética composta por tecidos leves em tons pastel e terrosos com uma atmosfera campestre. Estampas delicadas tendo o floral como elemento chave, são combinadas a casaquinhos de tricô, lenços nos cabelos, blusas e vestidos de manga bufante entre outras modelagens com cortes românticos;
- d) Kidcore/ Rainbowcore: o estilo que faz uma ode às cores traz predominância de elementos divertidos que lembram a infância. Listras, Jeans confortável,

³ Disponível em: <https://vm.tiktok.com/ZMLp92QBE/> Acesso em 25 de Abril de 2022.

⁴ O Bucket Hat é também conhecido como Chapéu Pescador ou cata ovo.

⁵ Expressão em latim que significa “fugir da cidade”. É utilizada pelo Movimento Literário do Arcadismo (século XVIII) para designar os poetas que saíam da cidade grande e iam para a zona rural em busca de uma vida mais tranquila.

pinturas à mão em roupas, bolsas, sapatos – misturam-se a acessórios de miçanga. A figura do *Smiley Face*, criada em 1973 pelo designer Harvey Ball Frend representando uma carinha sorridente é constante nesta estética que anda lado a lado com o Rainbowcore criando um padrão de cores que remetem ao arco-íris;

- e) Baddie: com influência da construção de imagem popularizada no Instagram, a estética baddie traz um visual ousado, descolado e confiante para as garotas que seguem esta proposta. Com peças que fazem parte do streetwear – modelagens esportivas e mais folgadas são combinadas com modelagens justas transpirando sensualidade e glamour. Sobrancelhas marcadas, gloss labial, cílios alongados e maquiagens com bastante brilho, misturam-se com alongamento de unhas e cabelos cuidadosamente arrumados com tranças, baby hair, cabelos soltos e predominantemente bem tratados. A *aesthetic* conversa com o estilo das musas negras do R&B e do Hip Hop das décadas de 1990 – 2000.

Do ponto de vista do pós-estruturalismo, Foucault observa que o sujeito em sociedade, não é completamente livre para exercitar as suas vontades – o que na estética adolescente da Geração Z no *Tik Tok* faz com que milhares de usuários na puberdade não usem os seus nomes reais na arroba de identificação do perfil. Os jovens, inclusive falam abertamente em vídeos da plataforma que esta postura serve para burlar o controle dos pais que podem impedi-los de exercitarem ali a sua expressão no modo de ser, pensar e se vestir – nem que seja por um breve momento em seus quartos enquanto gravam um desafio de dança ou conteúdos que tratem dos seus interesses como moda, beleza, game, música, séries de streaming, curiosidades, entre outros. Desse modo, cada adolescente utiliza o seu perfil no app de vídeos para se comunicar e trabalhar na estética de si, tendo o *Tik Tok* como uma vitrine que acumula corpos, rostos, opiniões, referências, experiências e intencionalidades na expressão das suas subjetividades.

Para Roche (2007, p. 513): “a cultura das aparências é antes de tudo uma “ordem”. Para compreendê-la, é necessário aprender a linguagem que permite a comunicação num domínio estranho e, portanto, mobilizador do imaginário, em que o espiritual e o material se misturam com uma força particular”. Conhecer o adolescente,

implica em aproximar-se, o quanto for possível do mundo que o circunda. Isto inclui “(...) escola, amigos, lazer, religião, família, sexualidade – enfim, do campo existencial que compõe sua vida” (ANTONY; ZANELLA, 2016, p. 99). Esta compreensão apresenta uma potência atemporal, logo, é viés de investigação válida para observar não apenas a Geração Z, como também as próximas gerações.

Nessa conjuntura, é relevante ainda verificar a construção do sujeito na subjetividade e na própria estética através do belo contemporâneo, a respeito do juízo emitido sobre algo ou alguém como apontam Cidreira e Vieira (2019) no artigo *O prazer do belo: na tela e na aparência* ao reconhecer a influência inegável da imagem no contexto histórico da sociedade contemporânea que está diretamente relacionada à percepção - modificando perspectivas de abordagem da realidade capaz de alterar o modo de ser e estar no mundo. Esta postura impacta nos pensamentos e sentimentos que o adolescente tem de si mesmo, atrelada a sua mobilidade do frescor da juventude para mudar de ideias quantas vezes for necessário a fim de aproximar-se da pessoa que deseja ser e das estruturas limitantes que se sente motivado para questionar e romper – seja na existência online ou off-line.

4. Considerações Finais

O pós-estruturalismo, enquanto movimento filosófico propõe uma dinâmica social comprometida em romper os limites do âmbito, mas há que se ter consciência sobre a dificuldade em dialogar com quem o critica – já que o seu posicionamento é lido diversas vezes como marginal e insustentável. A pretensão do pós-estruturalismo é justamente questionar a limitação que restringe o sujeito, tornando-o aberto à mudanças para, a todo momento, buscar novas formas e compreensões sobre o mundo, dinâmica natural no modo de ser dos adolescentes. Assim, fica entendido que a modernidade criou novos domínios de observação e o exercício filosófico da crítica à razão é um desafio do pensamento moderno, principalmente depois da revolução comportamental promovida pelas redes sociais e plataformas de vídeos.

Autores que na leitura de Williams (2012) preconizam uma corrente de pensar pós-estruturalista, sugerem uma ruptura com o nosso senso sobre linguagem, arte, política, religião e ciência, por exemplo, onde se faz importante aceitar críticas sobre o

pós-estruturalismo porque não aceitá-las representa um limite dentro de um movimento filosófico que pretende justamente romper com qualquer fixação ou enquadramento. Esta abertura para discussões que possam ser renovadas a todo momento, é necessária após a pandemia da Covid-19 e os desdobramentos do isolamento social dos adolescentes da Geração Z que ficaram restritos às relações de convívio digital.

As *aesthetics*, o estilo de vida e a autoimagem reveladas nos vídeos do *Tik Tok* - funcionam como um espaço relativamente neutro e pouco frequentado pelos pais dos adolescentes que desejam pertencer a um grupo social que seja visto de maneira harmônica, bela e agradável aos olhos por conta da sua construção coerente no cruzamento entre moda e comportamento. Neste cenário, entende-se que através da estética há certa liberdade para se expressar. Na construção *aesthetic* não há um destino final e é justamente por este motivo que a busca inquieta por novas experiências se mostra tão atraente e ousada para a adolescência e sua notória intimidade com tendências passageiras.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Sonia. O sujeito Adolescente. Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos/ Contra Capa, 2009.

ANTONY, Sheila e ZANELLA, Rosana. Modalidades de intervenção clínica em Gestalt-terapia. Organização Lilian Meyer Frazão, Karina Okajima Fukumitsu. – São Paulo: Summus, 2016.

BRAGA, João. Reflexões sobre moda, volume IV. Organização. 2. ed. rev. – São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2009.

CIDREIRA, Renata Pitombo e VIEIRA, Gina Rocha Reis. O Belo Contemporâneo: Corpo, moda e arte. Organização Renata Pitombo Cidreira. – Aracaju: J. Andrade, 2019.

FOUCAULT, Michel. A hermenêutica do sujeito. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. – 2ª edição – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

HEGEL, G. W. F. “Cursos de Estética”. 2ª ed. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 2001.

ROCHE, D. A cultura das aparências: uma história da indumentária (séculos XVII – XVIII). Tradução de Assef Kfourri. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.

PARRET, Herman. A estética da comunicação: além da pragmática. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

WILLIAMS, James. Pós-estruturalismo. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2012.